

## **Perfis de violência em Escolas Estaduais de Santa Cruz do Sul/RS a partir do conceito de Região**

*Violence profile in State Schools by Santa Cruz do Sul/RS using the concept of Region*

**Tawnni Boiani Hirsch**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-5324-8806>

**Camilo Darsie de Souza**

Universidade de Santa Cruz do Sul – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-4696-000X>

**Resumo:** Neste artigo são analisados dados coletados em turmas de Ensino Médio de duas escolas estaduais da cidade de Santa Cruz do Sul – RS. O objetivo é apontar os perfis regionais de violência escolar, tendo em vista a relevância do espaço na constituição destes perfis. Para tanto, trabalha-se com o conceito de região como ferramenta operacional capaz de auxiliar a compreensão acerca das formas de violência mais comuns em ambientes escolares. Além disto, as áreas de abrangência do estudo são as regiões norte e sul da cidade. Os dados obtidos, articulados à referenciais teóricos sobre o conceito de região e sobre a violência, indicam que os perfis de violência se alteram de acordo com as regiões em que ocorrem. Deste modo, a atenção direcionada às especificidades regionais colabora com os processos educativos e com o entendimento sobre os modos como a violência ocorre nas escolas.

**Palavras-chaves:** Região, Espaço, Escola, Violência, Educação.

**Abstract:** In this article, we analyze data collected in high school classes from two state schools in the city of Santa Cruz do Sul / RS. The aim is to demonstrate profiles of violence from space. Therefore, the concept of region is used as an operational tool capable of helping to understand the most common forms of violence in different school environments. The areas covered by the study are the northern and southern regions of the city. The collected data, articulated with the reference relating to the concept of region to the problem of violence, indicate that the profiles of violence change according to the regions in which they occur. In this way, attention directed to regional specificities collaborates with educational processes and with the understanding of the ways in which violence occurs in schools.

**Keywords:** Region, Space, School, Violence, Education.

## Introdução

Neste texto, discute-se a violência e os modos como ela se manifesta em duas Escolas Estaduais da cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Para tanto, assume-se que a violência não se apresenta apenas como um conjunto de agressões físicas (assaltos, brigas de rua e brigas familiares, por exemplo), mas também como manifestações e produções de sofrimento que ocorrem por meio de dinâmicas que são, muitas vezes, disfarçadas e/ou confundidas de/com brincadeiras.

Diante disto, destaca-se que os crescentes índices de atos violentos entre crianças e adolescentes, sustentam a relevância de análises nesta direção e convidam profissionais da área da educação a pensarem e discutirem o tema enquanto articulação que envolve questões comportamentais e dinâmicas espaciais.

Neste sentido, a Geografia se apresenta como a ciência que garante a compreensão acerca das maneiras pelas quais tais dinâmicas ocorrem, tendo em vista as espacialidades dos estudantes e das escolas envolvidas. Localizar essas manifestações e regionalizá-las – conceito que orienta as discussões apresentadas aqui –, no contexto urbano, é importante, pois, muitas vezes, ao serem discutidas as condições que favorecem tais comportamentos, são desconsiderados os elementos espaciais que lhes produzem.

Ainda, destaca-se que nestas situações, a violência costuma ser tratada como algo emergente, exclusivamente, no interior das escolas. Esta postura faz com que as causas e/ou influências externas sejam diminuídas e/ou desconsideradas. Assim, reforça-se um entendimento, equivocado, de que as escolas seriam ambientes independentes das regiões em que se inserem e, seguindo a mesma lógica de raciocínio, que o espaço configuraria uma dimensão cujos elementos se encontram fragmentados e/ou desconectados.

Portanto, almeja-se apresentar, nas linhas que seguem, uma aproximação entre questões teóricas relativas ao conceito de região e à problemática da violência aos dados obtidos nas escolas pesquisadas. Para tanto, no primeiro momento são apresentados os pilares teóricos acerca do conceito de região, enquanto categoria analítica do campo da Geografia, e da noção de violência escolar. Após, discorre-se sobre os processos de formação da cidade de Santa Cruz do Sul, por meio de uma perspectiva histórica e, ainda, sobre os modos como as duas regiões da cidade, mencionadas, se estabeleceram. Partindo disto, são apresentados os dados coletados e, por último, antes do encerramento do texto, é desenvolvida uma discussão sobre tais dados em conformidade com a teoria apresentada.

## A Região no Espaço

Diferente da noção de espaço natural, o espaço – também conhecido como espaço geográfico – é caracterizado pelos processos sociais, históricos e educacionais que envolvem sua construção, apropriação e transformação. Tais processos originam-se por meio de dinâmicas que articulam as ações humanas e os fenômenos naturais. É justamente este fato que oportuniza a constante transformação do espaço por meio dos seus aspectos físicos e simbólicos e que garante a imprevisibilidade dos arranjos que lhe constituem.

Para Santos (1978), é importante destacar ainda que o espaço é originado a partir de um jogo de forças que ocorre de maneira desigual. Portanto, as transformações espaciais não se apresentam homogêneas em todos os lugares ou parcelas espaciais.

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Assim, por ser formado pelo conjunto de ações humanas e naturais, o espaço “reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas”. O espaço é orgânico, transformando-se por meio de suas próprias dinâmicas e daqueles que o complementam (SANTOS, 1982, p. 6). Pode-se dizer, portanto, que o espaço antecede os demais conceitos geográficos, inclusive o de região que pode ser definida como uma categoria analítica imaterial, pois segundo Frémont (1980), é formada pelas vivências dos sujeitos. “A região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é, pois, procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens” (FRÉMONT, 1980, p. 17).

Neste sentido, é interessante ser destacado que, através dos séculos, dentro de cada corrente geográfica (Geografia Clássica, a Nova Geografia, passando pelas correntes críticas com base Radical Marxista e Humanística, chegando a Geografia Pós-Moderna) o conceito de região gerou dúvidas, debates e críticas, sendo classificado como menos importante, por alguns teóricos, mas, também, como o mais relevante, por outros. Para Haesbaert (1999)

Um dos problemas centrais levantados pela questão regional no âmbito acadêmico refere-se à busca da síntese entre múltiplas dimensões do espaço, síntese esta que, sem ser exaustiva, está vinculada à produção de uma singularidade coerente capaz de delimitar uma porção contínua e relativamente estável do espaço. (HAESBAERT, 1999, p.19)

Ao seguir percorrendo sobre o conceito de região, o autor refere que os geógrafos privilegiam modos de entender o espaço por meio de dimensões diferentes: “seja a

dimensão natural, nas regionalizações do século XIX, a dimensão urbano-econômica, nas regiões funcionais ou a dimensão política, mais recentemente enfatizada no vínculo região-regionalismo”. (HAESBAERT, 1999, p.19). Assim, deixa claro que a complexidade de analisar, bem como definir o que faz parte de uma região, está muito além da delimitação de uma escala, pois existem sobreposições escalares:

Ainda no início do século La Blache já demonstrava (apesar do que afirmam muitos dos seus críticos) que analisar uma região da França ou a França no seu conjunto demandava também analisar contextos mais amplos, na escala da Europa, por exemplo. Esta sobreposição das escalas de ocorrência dos fenômenos sociais, muito mais intrincada no mundo contemporâneo, dificulta a análise regional na medida em que é muito raro encontrar espaços “coerentes” e cuja especificidade possa ser analisada independente de sua inserção em processos visíveis em outros níveis escalares (HAESBAERT, 1999, p. 20)

A região não é material, nem mesmo palpável, pois ela é formada por poderes e interesses das sociedades. “A região participa de um espaço mais amplo; nesse sentido, ela é dominada — e essa dependência desempenha em sua evolução um papel muitas vezes preponderante — porque ela é ao mesmo tempo aberta e integrada”. (KAISER, 1973, p. 281-282). Seguindo a mesma linha de pensamento, Brito (2007) complementa dizendo que a região e o lugar são gerados por um movimento geral do mundo, pois emergem das dinâmicas amplas que envolvem a vida. Albuquerque Júnior (2008) explica que região, além de ser imaterial, se dá pelas ações e relações humanas, tanto em sua formação quanto em suas características. Para o autor, as regiões se configuram, também, por questões como a exclusão social e, assim, conseqüentemente se tornam áreas excluídas das demais.

[...] as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produto de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional. Falar de região implica em reconhecer fronteiras, em fazer parte do jogo que define o dentro e o fora: implica em jogar o jogo do pertencimento e do não pertencimento (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 58)

Albuquerque Junior (2008) afirma ainda que “um dado recorte espacial é sustentado, explicado, justificado, legitimado por dadas formas de saber, que se materializam em ações e discursos, práticas discursivas e não-discursivas”. A região é, portanto, “em grande medida, fruto dos saberes, dos discursos que a constituíram e que a sustentam”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 58-59)

Compreendendo a afirmação do jogo político que está em torno da formação de regiões, pode-se afirmar que a ideia de região ajuda a compreender as dinâmicas

políticas que envolvem a vida, pois ao confrontar interesses e características humanas de determinados lugares, destacam-se as regiões. Assim, conforme aponta Gomes (1995, p. 73) “ela é sempre uma discussão entre os limites da autonomia face a um poder central”.

Deste modo, ao pensar em questões relacionadas ao jogo de poderes que envolvem as escolas em diferentes bairros, em diferentes cidades, pode-se pensar que elas se inserem em regiões distintas, formadas por relações políticas oriundas de modos de vida distintos. As regiões que caracterizam, ao mesmo tempo em que são caracterizadas pelas escolas que “localizam”, ajudam a desenhar os modos de vida dos estudantes e comunidades. Nesta direção, pode-se assumir a noção de que processos educativos ocorrem por meio das dinâmicas espaciais que produzem modos de ser e de estar no espaço.

Sendo assim, as regiões ensinam, também, hábitos e dinâmicas humanas que as caracterizam. Uma destas dinâmicas envolve, conforme proposto nesta investigação, a violência escolar.

### **Caracterização da violência nas escolas**

Ao debater a violência escolar, é preciso situar suas diferentes formas de ocorrência. Segundo Vieira (2008), existem “a violência na escola”, “a violência à escola” e a “violência da escola” (p. 11863). Assim, é importante o aprofundamento acerca de cada forma de violência que ocorre em diferentes contextos escolares.

Violência “à escola” se constitui quando alunos visam, através de suas ações, prejudicar as instituições ou até mesmo aqueles que as representam. Neste caso, atos relacionados ao vandalismo ou a ataques “políticos” podem servir como exemplos. Por violência “da escola”, entende-se o ato institucional, ou seja, quando seus representantes, de maneira direta ou indireta, prejudicam o alunado, grupal ou individualmente. E, por último, a violência “na escola” trata de atos violentos praticados no interior dos ambientes educacionais.

Por violência, de modo geral, entende-se todo ato que fere os direitos humanos, como as agressões de natureza sexual, os maus-tratos, a discriminação de gênero e de raça, entre outros. Tais atos incluem, para além das agressões físicas, as práticas de humilhação, de exclusão, de ameaça e de desrespeito (WAISELFISZ, 2015). Sendo assim, a escola, por ser um local que oportuniza vivências entre sujeitos, conta com diversas manifestações de violência.

Vasconcelos (2019) aponta que as manifestações violentas em escolas ainda crescem com o tempo, quando comparadas às situações do passado. Dentre os modos de violência mais comuns, desenvolvidos em ambientes escolares, o *bullying* se destaca.

Esta forma de agressão é caracterizada por repetição de agressões, prejuízo e desigualdade ocorridas entre pares (agressor-vítima), gerada por uma série de maus tratos. Ainda, destaca-se o fato de as vítimas serem, frequentemente, física ou mentalmente mais vulneráveis que os seus agressores. Como explica Silva e Salles

O mau trato é definido pela presença de relações assimétricas entre agressores e vítimas e por ser uma relação que implica em continuidade de tempo. Para que o comportamento seja definido como mau trato é necessário que exista uma diferença de poder entre o agressor e a vítima. (SILVA; SALLES, 2010, p. 220)

Em alguns casos, grupos podem praticar *bullying* contra uma única pessoa, despertando na vítima sentimentos considerados negativos como: medo, sensação de solidão e diminuição da autoestima. Tais sentimentos costumam desencadear problemas ainda mais graves, por exemplo, ansiedade e a depressão. Tais situações têm sido consideradas gatilhos para ideação suicida, comportamentos agressivos, práticas de homicídio contra pares, envolvimento com atividades ilícitas (porte de arma e a utilização de drogas).

Para além do *bullying*, contudo, outras manifestações de violência podem ser identificadas dentro de escolas: insultos e agressões físicas. Elas são praticadas, geralmente, por alunos que são física ou mentalmente fortes e, aproveitando-se disto, provocam outros estudantes de maneira aleatória. Os insultos tornam-se comuns dentro das escolas, pois, frequentemente, xingamentos e outras manifestações violentas precisam ser manejadas por profissionais da educação. Ainda, ocorrem agressões físicas, caracterizadas por socos, chutes, arranhões, puxões de cabelos e, em alguns casos, por ataques com canivetes, facas e outras armas (ZALUAR, s/a). Diante disso, vale destacar que Carrillo (2015) explica que na escola ocorre a construção dos sujeitos, por meio das experiências que acontecem fora do ambiente de ensino, ou seja, para a autora, os jovens se relacionam conforme as situações vividas externamente.

El aula escolar se considera un espacio de construcción de identidades, sin embargo, lo que sucede en éstas es un reflejo de lo que sucede afuera, ya sea en las relaciones familiares, en las calles, en la comunidad, en el país. Por lo tanto, las interrelaciones que se dan entre el alumnado, se producen y reproducen a partir de las experiencias previas de cada uno (as) en relación con el mundo externo, pero también con lo subjetivo del grupo. (CARRILLO, 2015, p. 495)

Dentro da escola então, é reproduzido, de maneira mais intensa, aquilo que os estudantes vivenciam nos ambientes exteriores, tornando-a um ambiente propenso aos acontecimentos violentos, quando marcantes em suas vivências. Ruotti (2010) coloca que “se a escola é denunciada como produtora de violência, os padrões de convivência extramuros escolares, marcados especialmente pelo recrudescimento da violência urbana, agudizam a situação”. (RUOTTI, 2010, p. 342). Complementarmente, Carrillo (2015) argumenta que as características individuais, quando associadas às vivências dos

estudantes influenciam, fortemente, as atitudes tanto de quem agride quanto de quem sofre agressões:

Los factores individuales son inherentes a la persona (como el género, las características físicas, biológicas y fisiológicas, o la historia personal), influyen en el comportamiento de los individuos y aumentan sus probabilidades de convertirse en víctimas o perpetradores de actos violentos. (CARRILLO, 2015, p. 498)

Os autores, portanto, apontam que o processo da violência dentro da escola parte das vivências que ocorrem fora dela, tendo em vista as relações familiares, os contextos sociais, a marginalização de comunidades, entre outros elementos. Nesta direção, retoma-se a ideia de que o espaço também educa e produz sujeitos de acordo com suas dinâmicas que diferenciam-se entre diferentes lugares e que formam regiões. Encontram-se, assim, relações entre ambientes (interior/exterior da escola) que complementa-se e definem-se tendo em vista as relações humanas e espaciais.

Deste modo, é plausível ser pensado que as realidades vividas por estudantes e professores, em diferentes regiões que subdividem as cidades, articulam-nas aos modos de funcionamento das escolas que nelas se inserem. Pensar na perspectiva da violência, articulada aos ambientes escolares e às regiões em que se inserem pressupõe, portanto, entender que são dinâmicas interligadas que, por meio de processos espaciais, aproximam vivências escolares e externas. A violência não se limita à escola, tampouco é eliminada no interior de seus muros. A violência, de fato, emerge da interligação entre a vida escolar e a cotidiana de estudantes e profissionais.

Diante disto, torna-se relevante e estratégico entender os modos como a violência nas escolas se caracterizam por meio de realidades de regiões urbanas distintas, em diferentes cidades. Assim, conforme proposto, na sequência, apresenta-se a descrição e a análise do fenômeno em duas escolas da cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, após breve explanação sobre a formação do território da cidade em questão.

### **O processo de formação de Santa Cruz do Sul - RS**

A cidade de Santa Cruz do Sul localiza-se no centro do estado do Rio Grande do Sul, distante 155 km da capital, Porto Alegre. Ela conta com uma população de, aproximadamente, 131 mil habitantes (SANTA CRUZ DO SUL, 2020). Seu processo de desenvolvimento foi iniciado a partir de um núcleo colonial, criado em 1849, pelo governo da província. Vale destacar que o governo, na época, era formado por um grupo de imigrantes alemães que colonizavam a região (WINK, 2002).

Fundada em 1855, a sede da colônia de Santa Cruz do Sul tinha como objetivo apoiar a produção rural com atividades comerciais e prestação de serviços. Com o crescimento acelerado do povoado, em 1859, a colônia foi elevada à categoria de freguesia. Em 1878, foi classificada como vila devido às atividades agrícolas que possibilitaram transações comerciais, no mesmo período em que ocorreu a emancipação de Rio Pardo, município ao qual Santa Cruz do Sul pertencia, enquanto um distrito (WINK, 2002).

Karnopp e Mirion (1995) acentuam que “a imigração, enquanto fixação do pequeno produtor familiar [...] ocorreu apenas em áreas não ocupadas pelo latifúndio no séc. XIX e início do séc. XX”. (p. 29). Os primeiros imigrantes alemães ocuparam terras desprezadas pelos fazendeiros da época, que eram consideradas improdutivas e impróprias para a criação do gado. Dessa maneira, durante a primeira década (1849-859), foram distribuídos lotes aos colonos para o desmatamento, tornando possível, assim, a agricultura familiar.

No século XX, iniciou-se o processo de urbanização da cidade, incentivado pela industrialização centrada na agroindústria do fumo. O período de 1882 à 1917 foi marcado pela produção e exportação do tabaco e pela mecanização do processo produtivo, inaugurando a industrialização na cidade. Entre 1918 e 1965, esse processo se expandiu, incrementando os serviços e equipamentos urbanos. Assim, a partir de 1966, ocorreu a desnacionalização da indústria do tabaco e a consolidação de Santa Cruz do Sul como polo regional, recebendo reconhecimento internacional pela especialização no processamento do tabaco em folha (KARNOPP; MIRION, 1995; SILVEIRA, 2003; WINK, 2002).

Porém, foi a partir da década de 1920, com o processo de expansão de Santa Cruz do Sul, que multiplicaram-se os edifícios e os serviços prestados na cidade, sendo necessária a expansão do município. Nesse contexto, passou a ocorrer um gradativo parcelamento das chácaras existentes, tanto pela incorporação de novos lotes de terreno à cidade quanto pela necessidade de expansão do sistema viário existente. Inicialmente, esse parcelamento ocorreu nas áreas do entorno do núcleo original em razão da valorização que a transformação do uso do solo dessas chácaras oportunizou (SILVEIRA, 1997, p. 60).

No decorrer dos anos seguintes, as chácaras tornaram-se um empecilho para a expansão da cidade “permanecendo muitas delas intocadas em plena área urbana, aguardando maior valorização, dificultando, muitas vezes, o crescimento natural e homogêneo do centro em direção a periferia”. (WINK, 2002, p. 124)

No ano de 1940, surgiram quadras irregulares, sendo possível perceber o loteamento das chácaras. De acordo com Wink (2002) “houve um grande crescimento” nesta ocasião, pois “foram construídas, em 1949, a Escola Técnica do Senai e a Vila



Operária do Sesi, contando com 40 casas populares”. (p. 127). Além das chácaras em perímetro urbano, ainda existia a previsão para a expansão na parte sul da cidade. Porém, em 1941, a área foi desapropriada para que fosse instalado o III Batalhão do 7º Regimento de Infantaria do Exército. Apesar disso, a expansão continuou a avançar junto à linha férrea e à Avenida Euclides Kliemann, formando os bairros Bonfim, Chácara das Figueiras e São Roque, atual Arroio Grande (WINK, 2002)

Foi então que a população mais abastada de Santa Cruz do Sul começou a se incomodar com o crescimento de algumas vilas, como ocorreu em relação ao bairro Camboim, atual Bom Jesus. Conforme refere Wink (2002), foi na década de 1950, com os fluxos migratórios, causados pelo êxodo rural, que a população interiorana mudou-se para os núcleos urbanos. Assim, nesse período, passou a ocorrer a divisão dos grupos socioeconômicos em Santa Cruz do Sul, pois a população mais necessitada foi “empurrada” para bairros mais distantes. Assim, a região sul da cidade passou a ser caracterizada pela existência de aglomerados que formam vilas e, nos dias de hoje, é considerada uma área mais pobre em relação à demais regiões da cidade.

Partindo do ano de 1990, juntamente com a especulação imobiliária, começou a expansão da região norte da cidade de Santa Cruz do Sul – RS, destinada à população de alta renda, tendo em vista a construção de condomínios e loteamentos voltados para a classe média, conforme explicado por Reis (2018):

Na zona norte, junto ao Cinturão Verde [...] no final dos anos 1990, surgiu a produção de novos produtos imobiliários para a população de alta renda. Aludem que, após 2005, nota-se a expansão para o nordeste, com a construção de loteamentos voltados à classe média, bem como a sudeste, pela execução de novos loteamentos populares. Sobre o processo de verticalização, [...] se intensificou na área central, e desta em direção à zona norte. (REIS, 2018, p. 14)

Destaca-se, neste contexto, a desigualdade socioeconômica e sua influência em relação ao desenvolvimento da cidade, pois a região sul, conforme será apresentado, é marcada por infraestrutura precária quando comparada à região norte. De acordo com Reis (2018), ao descrever Santa Cruz do Sul, “o espaço urbano é marcado pela desigualdade social, onde principalmente o centro e a zona norte da cidade têm infraestrutura eficiente e acesso a serviços urbanos, enquanto outros vivem em condições precárias” (p. 75).

Tais situações parecem determinar por meio dos atravessamentos espaciais que envolvem a questão, os perfis de violência que envolvem as escolas analisadas. Deste modo, entende-se que tais perfis, quando observados pelas lentes do conceito de região, articulam-se de modo significativo às práticas educacionais.

### **Duas escolas, duas regiões, dois mundos distintos**

Para a presente pesquisa foram coletados dados de duas escolas da cidade de Santa Cruz do Sul, uma localizada na região sul (Escola 1), onde foram entrevistados 85 alunos, e outra localizada na região norte (Escola 2), em que foram entrevistados 129 alunos, todos do Ensino Médio. Além dos alunos, ocorreram conversas com professores que se disponibilizaram a responder questões relativas à violência nas escolas em que trabalham. Os resultados e a descrição de características espaciais das escolas são apresentados a seguir.

A Escola 1 recebe 782 alunos, sendo que 341 estão matriculados no Ensino Fundamental regular, 160 no Ensino Médio regular, 156 no Ensino Fundamental EJA (Educação de Jovens e Adultos) e 125 no Ensino Médio EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Partindo do questionário aplicado, 32 alunos se declararam do sexo masculino e 53 do sexo feminino. Sobre a violência, 14 afirmaram terem sido vítimas de violência, dentro da escola, e 71 negaram. Ainda, 18 alunos disseram já ter praticado algum ato de violência contra colegas, enquanto 65 negaram e 2 não responderam. Sobre o *bullying*, 45 alunos afirmam sofrer ou já ter sofrido *bullying*, 39 marcaram que não haviam sofrido e 1 entrevistado não respondeu. Questionados sobre a eficácia de campanhas antiviolência, 65 alunos dizem acreditar que elas produzem algum efeito positivo na escola, 19 discordam e 1 não respondeu. Por último, 9 alunos afirmam que deve ser usado de violência para resolver conflitos e 76 discordam.

Quando questionados sobre os tipos de violência que já haviam praticado, os estudantes afirmaram ter agredido colegas com socos e chutes. Sobre os motivos pelos quais entendem a violência como uma solução, aqueles que afirmaram ter cometido atos violentos disseram que esta não é a melhor forma de se resolver problemas, porém não vêem saída quando sofrem *bullying*, a não ser agredir os colegas que o praticam para que este “seja colocado no seu devido lugar”. Outros afirmam que “o negócio é meter o louco”, ou seja, agredir e ofender seriam a melhor maneira de resolver as divergências com seus colegas.

Após a aplicação do questionário, ocorreu conversa com professores e equipe diretiva. A primeira questão debatida com a equipe diretiva, foi sobre o número de casos de agressão física ocorridos dentro das dependências da escola por mês. A resposta dada pelo responsável foi que, em média, eram registrados de 1 a 2 casos mensalmente.

Ao conversar com outra profissional, sobre os métodos de ação contra a violência que a escola possui, a resposta indicou a aplicação de trabalhos de orientação, principalmente quando os casos se tornam graves. Ainda, relatou-se que a existência de um projeto em que representantes de turmas participam de reuniões mensais e apresentam aos colegas os desafios propostos nos encontros.

Partindo para a conversa com os professores e funcionários, foram questionadas suas opiniões a respeito da frequência que consideram adequada para o desenvolvimento de mobilizações com os alunos sobre questões como a violência. Unanimemente, as respostas indicaram que o trabalho deveria ser constante, no percurso do ano letivo inteiro, por ser uma realidade frequente e prejudicial ao processo escolar.

Novamente de maneira unânime, quando questionados sobre quais medidas poderiam ser tomadas para que esses episódios diminuíssem, suas respostas foram que deveria haver acompanhamento com um profissional da área da psicologia, abordagens onde os alunos tenham lugar de fala, expondo suas opiniões e seus pontos de vista sobre essas questões. Todos afirmaram também que esses episódios de violência, possui influências externas, como o contato com gangues, com o tráfico, a desestrutura familiar que a grande maioria do alunado possui, local este onde deveriam ser acolhidos, muitas vezes é onde mais sofrem violência.

A Escola 2 possui um total de 471 alunos, matriculados 233 no Ensino Fundamental regular e 158 no Ensino Médio regular. Não foram coletados números, mas uma das principais características da escola é a inclusão de alunos surdos.

Do questionário aplicado aos alunos, 71 se declaram do sexo masculino e 58 do sexo feminino. Na segunda pergunta, 30 afirmam já ter sido vítimas de violência dentro da escola e 98 negam, sendo 2 em branco. Na pergunta de número três, 29 alunos afirmam já ter praticado algum ato de violência contra um colega e 97 negam, sendo 3 em branco. Na quarta pergunta, 80 alunos afirmaram sofrer ou já ter sofrido bullying e 48 marcaram que não, sendo 1 em branco. Questionados pela quinta pergunta 108 alunos acreditam que as campanhas contra a violência surtem algum efeito positivo na escola e 19 discordam, sendo 2 em branco. Sexta e última questão, 10 alunos afirmam que deve ser usado de violência para resolver conflitos e 118 discordam, sendo 1 em branco.

A primeira questão debatida com a equipe diretiva foi relativa ao número de casos de agressão física que ocorriam dentro das dependências da escola, por mês. A resposta dada pela orientadora foi que no ano anterior, em 2018, havia sido registrado apenas 1 caso de agressão física, e no ano atual, 2019, quando até o mês de abril, havia sido registrado mais 1 caso, coincidentemente eram dois alunos novos envolvidos no episódio.

Segundo a orientadora e professores, ao longo de todo o ano letivo, em todas as disciplinas, principalmente em Filosofia e Sociologia, são trabalhadas questões relacionadas ao tema da violência. No entanto, de acordo com os mesmos, a violência não se configura enquanto um problema relevante neste contexto escolar.

Questionados sobre quais medidas poderiam ser tomadas para evitar os pequenos casos de agressão que ocorrem, os professores disseram que é necessário haver mais encontros com as famílias dos alunos, retratam a necessidade de haver mais um turno para trazer os pais a escola, também a necessidade de haver maiores políticas públicas, envolvimento dos alunos com artes, poesia, momentos em que se pode desconstruir e construir essas questões que ainda são tão rasas.

Como última questão, todos concordaram que existe influências externas que faz com que os jovens muitas vezes usam de violência para resolver conflitos, principalmente porque nas proximidades da escola existem pontos de vendas de drogas, administrados por uma gangue conhecida na cidade.

### **Perfis de violência escolar em Santa Cruz do Sul**

É possível ser observado que a Escola 1 se encontra em uma região marcada pela cultura da violência, pois devido ao perfil regional descrito pelos autores mencionados anteriormente e observado nos relatos, os atos violentos fazem parte do cotidiano de quem vive lá. O tráfico de drogas é comum na região e reflete-se nos modos de vida dos seus moradores.

Vale salientar que não são todas as pessoas que vivem e agem de tal maneira, mas é notável, principalmente no caso de jovens que frequentam a escola, a reprodução de atos que continuam a propagar o que conhecem nas ruas, até mesmo dentro de casa. Tais questões confluem com os argumentos de Carrillo (2015), quando diz que as relações de fora da escola influenciam os comportamentos em ambientes escolares.

Conforme Frémont (1980) descreveu, podemos relacionar a escola dentro de uma regionalização partindo da sua construção a partir das experiências vividas e, da mesma forma, pensar que o ambiente escolar é atravessado pelas características da região em que se localiza. Assim, pensando na inserção da escola em uma região que convive com essa realidade, não podemos colocar o peso apenas sobre os ombros dos jovens que ali vivem.

Suas relações com o espaço os produzem enquanto sujeitos, da mesma maneira que interferem, enquanto sujeitos, na produção do espaço (SOUZA, 2014). Diante disto, acreditam que essa realidade encontrada nas ruas é a mesma que devem seguir na escola. Os jovens crescem e vivem em uma região que lhes ensina que é normal viver assim, resolvendo problemas por meio da força da violência em Nas escolas. Destaca-se, neste caso, uma maior incidência de agressões físicas quando comparadas às de cunho psicológico.

As intenções de pertencimento explicitam, muitas vezes, comportamentos produzidos em outros ambientes. Crianças repetem apenas as atitudes das quais seus

adultos de referência possuem. Uma criança ou um jovem que convivem com a violência, também irão compactuar e agir da mesma forma. Diante disto, “a cultura da violência se sustenta, também, pela coerção e pela cumplicidade ativa ou passiva de muitos.” (ABRAMOVAY, 2002, p. 57). Portanto, pode-se concluir que o silêncio de muitos alunos, sejam vítimas ou cúmplices, auxilia para a propagação dos atos de a violência.

Na Escola 2, situada na zona norte de Santa Cruz do Sul, onde existem diversas iniciativas que partem dos professores, em suas aulas, observa-se que o número de relatos sobre violência é menor. É importante destacar que essas iniciativas reduziram consideravelmente os casos de violência dentro das dependências da escola, conforme relato dos entrevistados. A busca constante para que seja trabalhado, ouvindo os alunos, demonstrando, formando-os como cidadãos desperta nos jovens o senso de que existem outras formas de resolver conflitos.

Apesar disso, ainda existem muitos casos de *bullying* relatados pelos alunos. Este é um ponto a ser atentado pela escola, pois esses maus tratos disfarçados de brincadeiras acabam passando despercebidos, e é necessário um olhar mais atento a isso (SILVA, SALLES, 2010). Neste contexto, é importante ser observado que, em relação à escola localizada no bairro mais carente, o perfil de violência é transformado. Se, na Escola 1, são mais comuns as agressões físicas, na Escola 2 o *bullying* constitui-se como dominante.

Acredita-se que, mais uma vez, são justamente as dinâmicas espaciais, regionais, que ajudam a distinguir os modos de violência em ambientes escolares. Conforme apontado, a Escola 2 se localiza em um bairro que se destaca economicamente na cidade, portanto, espera-se ou reproduz-se modos de vida mais “polidos”, contudo, nem sempre, menos violentos. Possivelmente, a oferta de pontos de conexão relacionadas ao consumo, à prestação de serviços e aos condomínios considerados mais ricos, produzam sujeitos diferentes daqueles que são apartados de muitas oportunidades.

É relevante ser advertido, neste contexto, que não se procura estabelecer uma espécie de determinação geográfica sobre as vidas das pessoas. Diferentemente, a ideia considera que as práticas e as falas que constituem as duas regiões produzem, também, sujeitos diferentes que se encontram, da mesma maneira que o espaço, em constante transformação a partir das relações que estabelecem entre si (SOUZA, 2014).

De modo geral, a maioria dos alunos, de ambas as escolas, acreditam que as iniciativas por parte dos professores e equipe diretiva causam efeitos positivos. Mesmo que precisem ser direcionadas à temáticas diferentes em função das diferentes regionalidades que envolvem os ambientes escolares analisados.

Neste contexto, cabe afirmar que educação de qualidade não se refere apenas a capacidade dos professores acerca dos conteúdos, mas, também, relativas às condições

em que os alunos vivem. Deste modo, as práticas pedagógicas encontram na Geografia e, conforme argumentado neste texto, no entendimento acerca das regiões, importante apoio relativo à condução de atividades que possam diminuir casos de violência na escola.

### **Considerações finais**

Neste artigo, conforme sinalizado, foram analisados dados coletados em turmas de Ensino Médio de duas escolas estaduais da cidade de Santa Cruz do Sul – RS. O objetivo foi apontar os perfis regionais, urbanos, de violência escolar, tendo em vista a relevância do espaço na constituição destes perfis. Para tanto, o conceito de região foi tomado como ferramenta operacional capaz de auxiliar a compreensão acerca das formas de violência mais comuns em ambientes escolares.

As áreas de abrangência do estudo foram as regiões norte e sul da cidade. Os dados obtidos, articulados a referenciais teóricos sobre o conceito de região e sobre a violência, indicaram que os perfis de violência se alteram de acordo com as regiões em que ocorrem. Em uma das escolas, localizada na região mais abastada – do ponto de vista socioeconômico – a violência física não representa um problema com gravidade considerada relevante. Tanto estudantes quanto professores indicaram pouca atenção à tais fatos, ao mesmo tempo em que dizem trabalhar o tema, didaticamente, como forma de prevenção. Neste caso, os casos relacionados ao *bullying*, ou seja, aqueles associados à violência emocional, se mostraram mais comuns. Por outro lado, na escola localizada na região considerada mais precária, a violência física é apontada como algo presente e, sua prática se sobressai em relação aos casos de violência emergente de assédios morais e/ou emocionais.

Entendeu-se, por meio destes dados, que aspectos específicos das regiões em que as escolas se encontram inseridas transformam os perfis de violência, de modo a romper com a possibilidade de padronização comportamental descolada das dinâmicas espaciais. Deste modo, a atenção direcionada às especificidades regionais colabora com os processos educativos e com o entendimento sobre os modos como a violência ocorre nas escolas.

### **Referências**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, 10 (17), 2008, pp. 58-59. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em: 17 jun. 2021.

- BRITO, T. M. A. Região: Leituras Possíveis de Milton Santos, 2007. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MPBB-76LJJS>. Acesso realizado em 17 de junho, 2021.
- CARRILLO, M. R. A. Violencia escola: un problema complejo. **Ra Ximhai**, 11 (4), 2015, pp. 493-509. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rxm/article/view/71358>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- FRÉMONT, A. **A Região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.
- HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. **GEOgraphia**, no 1(1), 1999, pp. 19-20.
- KARNOPP, E.; MIORIN, V. M. F. A pequena produção familiar de hortifrutigranjeiros. **Ágora** (Unisc), 1(2), 1995.
- KAYSER, B. A região como objeto de estudo da geografia. In: GEORGE, P. et al. (Org.). **A geografia ativa**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973. pp. 281-282.
- REIS, J. M. A indústria da construção civil e a expansão da periferia urbana de Santa Cruz do Sul/RS – Brasil. **Dissertação** [Mestrado em Desenvolvimento Regional] Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade de Santa Cruz do Sul. 2018.
- RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 36 (1), 2010, pp. 339-355. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KsqDFkRRMtZgtRgKRhJGTsL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- SANTA CRUZ DO SUL (RS). **Site da Prefeitura**. Disponível em: <http://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/historico-do-municipio>. Acesso em: 01 set. 2020.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de intervenção. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, 2(1), 2010, pp. 217-232. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/58prxNcd4bFt6cLF9swktFL/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- SILVEIRA, R. L. L. **Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- SOUZA, C. D. Educação, geografia e saúde: geobiopolíticas nos discursos da Organização Mundial da Saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VASCONCELOS, I. C. O. Violência escolar: morte da escola ou fênix?. **Sisyphus - Journal of Education**, 7(1), 2019, pp. 45-73. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/18224>. Acesso em : 14 jul. 2020.

VIEIRA, J. C. As múltiplas faces da violência escolar. **VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas-CIAVE**. Formação de professores. Curitiba/PR, 2008.

WINK, R. **Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

WASELFSZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2015.

ZALUAR, A. **O contexto social e institucional da violência**. NUPEVI-IMS/UERJ. Disponível em: [www.ims.uerj.br/nupevi/artigos\\_periodicos/contexto.pdf](http://www.ims.uerj.br/nupevi/artigos_periodicos/contexto.pdf). Acesso em: 14 jul. 2020.

#### **Sobre os autores:**

##### **Tawnni Boiani Hirsch**

Graduada em Geografia, Mestranda em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: [tawnnibh11@gmail.com](mailto:tawnnibh11@gmail.com)

##### **Camilo Darsie de Souza**

Doutor em Educação, Professor do Curso de Medicina e do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: [camilodarsie@unisc.br](mailto:camilodarsie@unisc.br)